



O Gaiato

5 de Julho de 1975 * Ano XXXII — N.º 817 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Por amor da Justiça

A existência de leis ou de situações iníquas ou arbitrarias deve ser combatida por legislação adequada, em ordem a que reine a justiça e se reparem sequências daquelas. O que não se pode conceber ou aceitar é que se permita ou incite, pela passividade ou pela omissão de medidas, o desrespeito das normas em vigor, enquanto não derogadas ou substituídas por outras mais justas. Caído o poder na rua, gera-se a anarquia e a falta de consideração pelas pessoas e pelas coisas, criando-se um estado de selva, com consequências irreversíveis, em grande número de casos, e a instauração de posições mais injustas que as primeiras. As regras que devem presidir a qualquer sociedade civilizada e progressista, ansiosa de bem-estar e dum processo salutar de renovação ou transformação sociais, não podem ficar sujeitas ao livre arbítrio de cada qual, como aos golpes dos oportunistas ou dos detentores da força física. Seria a ruína e um atestado pouco lisonjeiro, para lá dos ódios e da instabilidade surgidos.

Vêm estas simples considerações a propósito das chamadas «ocupações selvagens» de propriedades rústicas ou urbanas, sem o mais pequeno fundamento legal, ao sabor de pessoas ou de grupos. Colégios, casas de habitação, quintas ou herdades, instalações públicas ou privadas, têm sido alvo de assaltos desenfreados, decorrentes de meros caprichos ou de emulações partidárias, ou ainda de prepotências inqualificáveis, individuais ou colectivas, e em que, à mistura de supostas boas intenções ou de necessidades reais, mas de duvidosa possibilidade de concretização, se podem descortinar, não raro, razões de vingança e outras, bem pouco louváveis, com a concomitante degradação de valores e os aspectos mais anedóticos. O bem não se pode construir com o mal. Quantas e quantas famílias foram, e não sabemos se continuarão a ser, incomodadas, por vezes a altas horas da noite, por verdadeiros assaltantes, em ordem à ocupação das suas residências, próprias ou alugadas? Quantos moradores, ocasionalmente ausentes das suas moradias,

não as encontraram, ao regressar, habitadas por estranhos? Em Lisboa soube-mos de «brigadas» que detalhadamente percorreram ruas e bairros em busca de «objectivos». E, para lá de outros aspectos caricatos, não soube-mos pelos jornais daquela família que, na Capital, se fez acompanhar também do burro? E os prejuízos causados, morais e materiais, quem não os conhece e avalia? A desfaçatez chegou ao ponto, como soube-mos de fonte fidedigna e responsável, de aparecerem «ocupadores profis-

sionais», vendendo as suas «ocupações» por cinco, dez e mais contos! Valha-nos Deus!

Urge, efectivamente, construir uma sociedade mais justa, em que todos tenham lugar e reparar as injustiças eventualmente existentes. O que não podemos é pactuar que isso se realize à custa da mera troca ou inversão de posições, demagógica e arbitrariamente, ao gosto de cada indivíduo ou

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

«CHORAR COM OS QUE CHORAM»

De manhã telefona um jovem empresário. Homem dinâmico, ascenderia com certeza a uma **posição invejável**, na companhia dos seus camaradas de trabalho, se a crise económica não bloqueasse um investimento tão difícil como trepar o Himalaia.

Há muito que, na sua visão de homem justo, **que veio do nada**, mentalizava seriamente os camaradas de trabalho para uma sociedade cooperativa.

Dinamizou. Forçou! Nada...

Hoje, telefona. Aflito. Voz embargada! — É só um desafo! Fica só entre nós dois...

Não se importa dos **impulsos telefónicos**. Há horas na vida em que contam mais duas almas em ressonância do que o vil metal.

— Falámos outra vez. Todos! Mostrei a situação caótica do mercado. Não podemos trabalhar mais para o lote. Não temos fundos de maneio. Estamos quase na insolvência. Disse-lhes que se tivessem aceite a minha proposta — há muito tempo! — hoje, a nossa situação seria diferente. Diff-

Continua na QUARTA página

BENGUELA:

Em nossa Casa o trabalho é rei.



Aqui Lisboa

Pai Américo dizia que o regresso a Nazaré é o autêntico progresso cristão; e é este o verdadeiro progresso do Homem global. Ora acontece que a vivência dos cristãos na sua maior parte não se tem norteado por esta meta... daí a acentuada diferença de situação económica nos países ditos cristãos... o que motiva condições de ausência de Paz.

Se os cristãos acreditam que todos os homens são irmãos, deverão ser os primeiros a dar os passos em ordem a uma sociedade mais fraterna, onde as diferenças entre os cidadãos não se baseiem em estruturas injustas, mas nas qualidades reais dos homens postas ao serviço dos Outros.

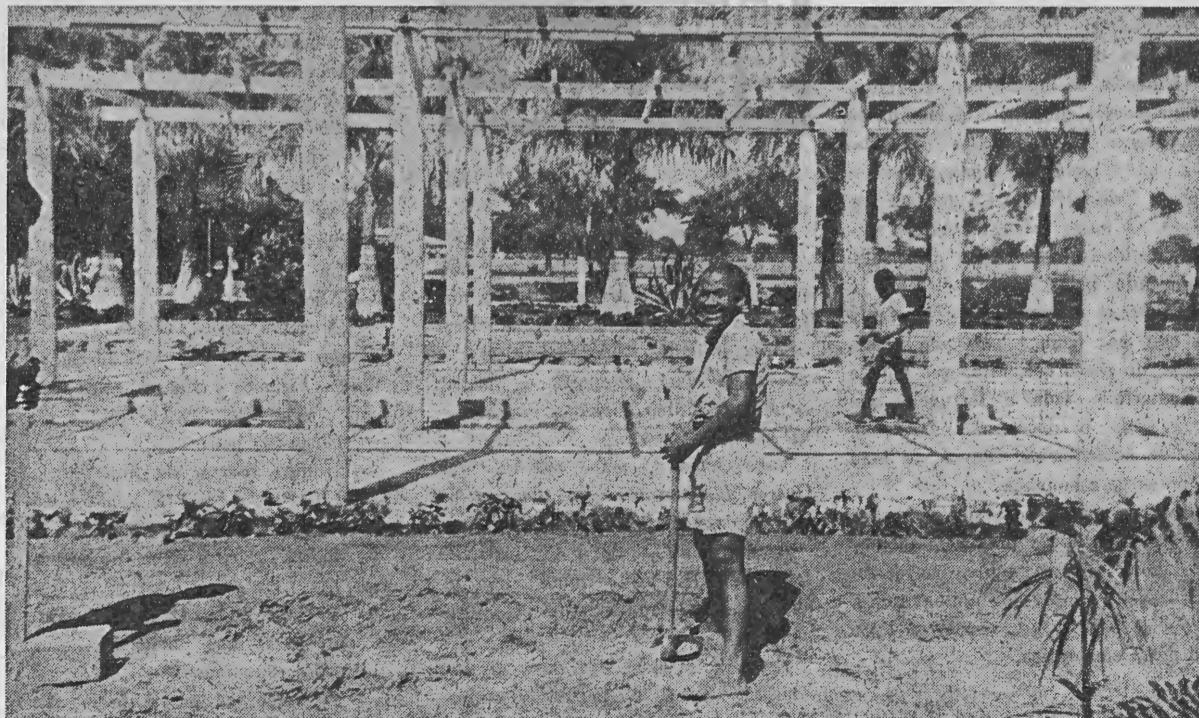
Sei que a nossa capacidade de visão é restrita e mesmo pessoas bem intencionadas, que se habituaram a determinados níveis de vida, não são incomodadas pela sua consciência

no sentido de partilharem com os mais desfavorecidos — no sentido de limitarem as suas necessidades habituais de forma a terem maior capacidade de dar. Por isto se diz haver uma vivência chocha do Cristianismo.

Nesta hora em que através de esperanças e preocupações se procura uma nova ordem para Portugal, há que repensar a vivência dos cristãos, o seu empenhamento na vida, para que penetrem a sociedade e alertem para caminhos de justiça e fraternidade. Para que sejam ouvidos, terão que estar interiormente convencidos de que seguir a Cristo é ter um espírito transformador, é ajudar a evolução do homem, a sua promoção e não ter uma resignação doentia perante os acontecimentos.

Nesta hora é lançado um desafio aos cristãos, à Igreja: ou Ela dá testemunho de estar com os mais Pobres (entenda-se aqui Pobreza a todos os níveis das necessidades humanas), ou Ela demonstra a Sua capacidade de compreender os homens na sua complexidade, e na realidade deles tenta transmitir-lhes um Deus operante e vivo; ou então não cumpre a Sua missão profética nesta hora que passa.

Padre Abel



PELAS CASAS DO GAIATO



O Luís e a Ivone — sorridentes.

Benevolência

CASAMENTO — No passado dia 25 de Maio — precisamente o Dia da Mãe — foi dia de festa para a nossa Obra, mais especificamente para a nossa Casa.

Luís Manuel Barradas, de 24 anos, Gaiato há 15 anos, e Ivone Graça, de 20 anos, diante do altar e perante a numerosa assembleia aí presente, tomaram sobre os seus ombros a responsabilidade de se unirem para sempre. E, para tal, houve festa que teve de ser preparada antecipadamente com muito calor feminino que, felizmente, não nos faltou. Pois até houve quem deixasse o seu lar por alguns dias, para se integrar nos preparativos.

Domingo, por volta das 12 horas, acabava de chegar em frente da casa-mãe uma enorme bicha de gente com a noiva no primeiro plano, para logo de seguida, numa pequena procissão, se dirigir à sombra do jango que serviu de belo cenário, com um calor tropical e um cheiro mesmo à mãe-África.

Padre Manuel dava início ao grande acto litúrgico, na ausência de D. Óscar Braga, bispo da diocese, que, por motivos alheios à sua vontade, não foi possível estar connosco.

O *leader* do pequeno mundo da Igreja aí presente começou por dizer:

«Irmãos, cristãos e membros do Corpo Místico aqui presente: Hoje é um dia de festa muito grande para a Igreja de Deus aqui tão belamente representada. Dois filhos de Deus vão dar um passo muito grande para a vida e para a eternidade.» Após ter feito breves comentários à 2.ª leitura, prosseguiu: «Eu não encontro mensagem mais bela, mais significativa que vos possa transmitir. Vivei em alegria? Sim! Mesmo no meio da dor e da incerteza. Trabalhai na vossa perfeição. Procurai ajudar-vos uns aos outros mesmo no meio da dor.»

Mais adiante, salientou:

«Fala-se muito de amor como se

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

POESIA

Deus, o homem e o mundo

O mundo não vê amor,
Não atinge o sofrimento e a dor
De quem sofre.
Não procura consolar o coração
De quem vive em solidão,
De quem vive na miséria,
Na podridão.
O mundo é frio e cruel,
Injusto como um ladrão,
Lindo como o mais lindo painel,
Mas vive na escuridão.
O mundo é tristeza,
É fruto da natureza.
O homem,
O «rei» do mundo assim chamado,
O homem,
Junto a Deus é um falhado.
Em Deus não há tristeza.
Em Deus não há pecado.

João Maria

TOJAL

VISITAS — Sequiosos de um dia bem passado e ávido por purificar os pulmões, esteve entre nós, há pouco tempo, um grupo numeroso de amigos, funcionários do Crédito Predial Português.

Chegaram de manhã, a tempo de realizarem uma *jutebolada* entre si. O despique foi grande e pareceu-nos, como espectadores, que todos ganharam.

Serviram-se depois dos vários recantos da nossa Casa para almoçarem despreocupados.

De assinalar o carinho extremo de que os nossos pequeninos foram alvo. Ao fim da tarde os mais frescos do desafio mostraram alguns toques subtils no que foram imitados por alguns Gaiatos.

Quando a caravana constituída por 35 automóveis partiu, ficou-nos a certeza de que eles voltarão mais vezes.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Nós, às vezes..., não gostamos de ir sozinhos.

A vida dos Pobres — ainda hoje! — é tão ignorada que faz bem nestas rondas dar o braço a quem não falta o pão-nosso-de-cada-dia. Bem custoso. Por isso, mais saboroso.

— Um dia que possa — insiste *Se Zé* no último encontro fortuito — vá a minha casa...

Uma semana, mais outra... que Outros *bloquearam* com idêntica ou pior necessidade!

A moradia — do PATRIMÓNIO DOS POBRES — é numa curva fechada. Arborizada. Sadia. Um encanto!

Estão lá o dedo e a alma de Pai Américo. Vinte e quatro anos respiram actualidade!

Preferia as moradias à beira das estradas só para que os olhos dos transeuntes pressionassem o coração, a alma — a inteligência...

Ali, está um grupo de três casas. Independentes. Três famílias amigas! E, caso curioso, no cimo da rampa de acesso deparamos os locatários em amena cavaqueira: uma órfã, solteira; um casal de trabalhadores rurais — praticamente inválidos; e a mulher de *Se Zé*.

Nós íamos por ele, pelo *Se Zé*.
— Está lá pra dentro.
Não estava!

— Foi prá quinta?, interroga a mulher. E esclarece:

— Q'ando lhe dá as *soidades* vai p'ó monte abaixo...!

— Prometemos e cumprimos...
Sorn!

— Ele vai gostar... Ó Zé!, ó Zé!, ó Zé!

Os gritos ecoavam.
Estava mais abaixo, encostado ao muro, a ver o trânsito. Fomos ao encontro dele.

— Ai as minhas pernas!...

Os olhos riam. E a sua mão afaga a nossa. Carinhosamente. Aquelas mãos calejadas, rudes, honestas!

O que ele nos disse, a propósito da Honestidade!!

— Como vai isso?...

Referíamos o câncoro na perna.
— You andando...

A mulher intervém, solícita:
— A frida fechou. Agora, é o negro p'a perna acima...!

Ele *queixou-se*:
— Tenho desmaios... tonturas.

Q'alquer dia vou de *viage*... Todos os meus foram assim — p'la cabeça. Não custa nada...

Faz pausa.
— Não custa nada... repete. E eu a caminho a dizer que não...

Fino humor!
— As tonturas é da frida. É da frida..., elucida a mulher.

— Ando a ouvir mal, acrescenta *Se Zé*. Muito mal. Cada vez pior! Eu *intendo*, quando *intendo*... Custa muito! *Pacência*...

Abordámos as dificuldades, delicadamente:

— Então V. vai à farmácia e não nos procura?!

— Estás a ver? Estás a ver!?... — ralha *Se Zé*, virado pra esposa. Olhe q'inda agora lá se foram quatrocentos mil réis...!

Partilhamos, com eles, só 500\$00 mensalmente. Até ver...

— A gente *arrumedeia-se*... afirma a mulher. Ontem, *arrecbemos* umas peças de roupa de pessoa amiga. Q'ando dou ovos à vizinha, põe-me na mesa carne de porco. Já lhe disse: vou deixar de oferecer ovos... pra não lhe comerms o porco todo!

— Não precisa!?

— A gente *arrumedeia-se*...

Fomos ao sítio com delicadeza, repetinos. Fizemos contas. A gente sabe como a vida está.

— Custa-me pedir!

— Prefere morrer de fome?!

— Custa-me pedir! É como quem m'arranca um dente!, confessa.

E aperta a cara com ambas as mãos.

— V. não *pede*. O que a gente lhe entrega é uma obrigação...
Ficaram espantados!

— O vosso antigo senhorio tem aparecido?

— Não senhor.
— Ainda cá não veio?!

Comenta o meu jovem companheiro:
— Esse tipo *nada* em dinheiro... Se lhes desse 500\$00 por mês do seu bolso nem aquecia, nem arrefecia...

E não.
Mas aquele *arrumedeia-se* é terrível! Analisado à luz da Justiça Social é uma herança de que os Pobres não têm culpa.

No caso vertente, porque a lei não obriga... — o patrão nunca se dispôs a inscrever estes caseiros no Seguro Social!

Vamos abrir mais a bolsa, sim senhor. Nós acreditamos no *Se Zé*.

RECEBEMOS — Da Rua de Santo Ildefonso, Porto, 250\$00. De Lisboa, uma carta e 500\$00:

«Muito me contristou, a notícia que me deu sobre o internamento da mulher do caseiro por se ter agravado o seu estado de saúde. É bem certo o ditado de que «um mal nunca vem só». Mas o aumento das malas também é um estímulo para aumentar a nossa caridade e solidariedade com os Irmãos que sofrem.

Se os que sofrem são postos por Deus à prova, também Deus nos põe à prova, não só para que soframos com eles, como dizia S. Paulo, mas para que os socorramos na medida em que pudermos.

(...) Volto a pedir, e agradeço, uma oração por minhas filhas...»

Todo o cristão que pensar aqui os olhos não ficará insensível. É a Comunhão dos Santos!

Mais 200\$00 em vale do correio, de Santarém, com dois pedidos:

«Peço imensa desculpa de ser tão pouquinho e peço também por favor que não ponham o meu nome no jornal, sim?»

É o nosso método.

Mais «um pequeno auxílio de 20\$00», de Lisboa. E, por fim, «com muita amizade a minha partilha fraterna de 600\$00 para os Irmãos da Conferência de Paço de Sousa», de «uma Assinante do Seixal».

Ó perseverança!
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Aos domingos, são muitas as pessoas que nos visitam vindas de todos os pontos do País.

Durante a semana têm vindo grandes excursões de crianças das Escolas Primárias.

Com efeito a nossa Aldeia tem estado em grande movimento.

Para esse trabalho de andar a mostrar a nossa Casa temos sempre alguns rapazes que servem de ciceros com a experiência do seu conhecimento.



Novos Assinantes

Nesta fase em que somos forçados a pequena limpeza nos ficheiros de «O GAIATO», cafu-nos em cima da mesa uma significativa carta de algures.

Vamos ler:

«Há dias concretizei a minha vontade de ser assinante do nosso «O GAIATO», fazendo-me mesmo assinante e mais o meu manito...

Mas como gostava que outras pessoas pudessem receber em casa o nosso jornal, resolvi avisar os meus camaradas de trabalho, falando-lhes a alguns, que podiam mesmo oferecer-lo aos seus filhos. E daí... a razão de fazer seguir este meu cheque, fruto precisamente destes 11 novos assi-

nantes, pelo que agradeço totem conta dos seus endereços...

E é tudo por hoje. São as lembranças para os Galatos, destes nossos Amigos, cujos nomes e respectivas importâncias acabo de enumerar. Que o Pai Américo lhes agradeça.

Termino tal como na anterior carta. Peço-lhe puro anonimato destas minhas letras: nada de qualquer referência. Obrigado. Estarei sempre pronto, de lembrar às pessoas a existência desta belíssima Obra. O resto, o coração delas o ditará...

São homens de boa vontade, integrados no espírito da Boa-Nova. Revolucionários - pacíficos, sem nada que os distinga dos outros homens, a não ser o fogo de amor que irradiam.

São 11 com o sinal mais. Trabalhadores! Cidadãos que sentem as naturais dificuldades da vida e, por isso, melhor avaliam os problemas dos Outros.

De sublinhar, no entanto, que o motivador desta presença agradável só há dias concretizou a «vontade de ser assinante!» E, como é insatisfeito, «gostava que outras pessoas pudessem receber em casa o «nosso» jornal».

Espírito de partilha!

ÉPOCA BALNEAR — Os tempos de praia estão prestes a começar e com eles os sacrifícios de toda a Comunidade em arranjar tudo o que for necessário para se passar umas férias bem passadas, em nossa casa de Azurara (Vila do Conde).

O primeiro turno está praticamente no começo e será necessário que passem umas férias alegres.

Os cozinheiros, em geral, ficaram a saber cozinhar o melhor possível, com as lições de um senhor perito em culinária.

DESPORTO — Este ano já realizámos alguns jogos, a maioria deles empatados, mas também conseguimos algumas vitórias e... derrotas. A nossa equipa é muito jovem, entre os 15 e 19 anos.

Temos recebido constantes pedidos para realizarmos jogos de Futebol. Não tem sido possível aceitar os devido ao mau estado dos balneários. Pedimos desculpa aos nossos amigos desportistas.

ANIMADORES DESPORTIVOS — Fomos aconselhados pelo nosso professor de ginástica, a frequentarmos, no Porto, um curso de animadores desportivos.

Toda a malta concordou e houve autorização do Sr. Pe. Carlos.

Cada um escolheu a modalidade que mais lhe agradou.

Queremos que o Desporto, em nossa Casa, ande para diante, não só o Futebol mas também o Basquetebol, Andebol, Voleibol, etc.

Já praticámos todas as modalidades com a excepção do Râgby.

Os nossos rapazes, que já regressaram do curso, têm posto em prática tudo aquilo que aprenderam, a bem da malta.

LAVOURA — O nosso milho foi semeado há pouco tempo e Deus queira que tenhamos uma boa colheita, porque tivemos muito trabalho na sementeira. Portanto, queremos receber os frutos do nosso trabalho.

A batata já está no máximo da sua germinação; esperamos arranjar muitas batatas.

O centeio será cortado dentro em breve e há bastante, graças a Deus.

O «Faisca» e o «Manuel da Senhora» e mais um grupo começaram a sulfatar as videiras para, na época da vindima, termos muito vinho.

Termino esta minha crónica com um forte abraço para todos os Leitores.

«Peixeira»

Aí estão pois, de mãos-dadas, 11 Camaradas de trabalho, na linha de rumo de um Mundo Melhor.

Um abraço amigo de nós todos!

Chegaram mais assinantes de Lisboa e Porto. A procissão do costume.

Ao longo da coluna registamos mais deles de Fânzeres (Gondomar), Escalhão, Parede, Vinhais, Cacém, Praia Grande (Colares), Chaves, Valadares, Amarante, Madalena (V. N. Gaia), Leça da Palmeira, Caldas da Rainha, V. N. Gaia, Carcavelos, Salvaterra de Magos, Caldas da Rainha e Lourenço Marques.

Um mundo de gente!

E precisamos de mais...

Ainda agora acabámos de atender um assinante da velhaguarda. Um homem na curva da vida. Delicado.

— Venho pôr as contas em dia...

— Está em atraso desde 1966.

Puxou de duas notas. Entregou.

— Não posso mais... E pouco mais durarei.

— Chega. Chega sempre! Obrigado.

— Eu vim de propósito...

Veio cumprir uma obrigação! É um homem simples. Pobre. De mãos calejadas. Apertámo-las bem. Sorriu. E despedimo-nos até sempre!

Júlio Mendes

Dialogar

A exigência do diálogo prende-se na igualdade entre as pessoas e na constatação de que todos os homens são diferentes. Por outras palavras, cada homem, sujeito de direitos e deveres, sendo ele, não pode esquecer que o outro existe, e distinto dele, portanto, com as mesmas regalias e obrigações. Aprender, pois, a dialogar, é condição séria que vem para uma verdadeira intercomunicação pessoal e a construção de uma sociedade nova, mais rica e plural.

Recusar o diálogo é desrespeitar a consciência do próximo e procurar substituir-se a ela. Se o outro é pessoa não deve ser compelido a «encaixar» as nossas ideias ou preferências pessoais; seria coarctar a sua liberdade e, ao desenvolver a diversidade dos dons, empobrecer-se a si e ao grupo maior ou menor a que pertence. Opôr-se ao diálogo é uma afirmação de auto-suficiência, isto é, de orgulho, que, não raro, leva às situações mais graves de despotismo. «Eu sou o bom e sei tudo; os outros são os maus e nada conhecem.»

Obstar ao diálogo é, portanto, crime de afronta ao próximo e anti-social. Dialogar é abrir-se aos outros, compartilhar, receber, aceitar, comunicar e dar. Impedi-lo ou sofismá-lo é negar que a verdade

seja uma busca permanente, inesgotável, para cuja procura a experiência e a vida dos outros não contam; é afirmar que se possui toda a verdade.

Importa, pois, saber dialogar, tendo a força e a predeterminação de escutar tudo aquilo que os outros têm para nos dizer. Para o realizarmos temos de ser humildes e honestos. Se porventura estamos convencidos que sabemos muito, os outros também sabem alguma coisa; se queremos que nos ouçam, então sim temos o dever de ouvir até ao fim o que os outros nos pretendem transmitir. Não se pode, porém, dialogar se não respeitamos a liberdade alheia, quer pela criação dum clima de medo quer pela força.

Tão pouco nos podemos fazer atmosfera de barulho e de compressão; sem serenidade não o conseguiremos. Ao contrário, mais vale dizer aos outros que se calem, e teremos então o que queremos: monólogos. E, conseqüentemente, prepotência e tirania. Abrenúncio!

«Fala Senhor que o Teu ser vo escuta.» Façamos nossas estas palavras dos livros sagrados e aprendamos também a escutar os outros, numa ansia incessante de maior Justiça e de mais Verdade, de Paz e de Amor.

RETALHOS DE VIDA

O «Fidalgo»



Tinha nove anos quando entrei na Casa do Gaiato. Nasci em Lisboa na freguesia do Socorro a 12-3-55. Portanto, há 11 anos que aqui permaneço.

Não tenho muitas coisas para lhes contar da minha vida anterior a esta. Sei que em pequenino o meu pai nos abandonou, ficando a minha família reduzida a três pessoas: Minha mãe, eu e o meu irmão. E hoje, por muitas razões, sempre gostaria de conhecer o meu pai.

Creio que foi real ter-me meu pai levado ao hospital a visitar minha mãe e antes me dissera que eu tinha um irmão para conhecer. Eu não gostei nada e na enfermaria cheguei a querer-lhes bater.

Lembro-me perfeitamente que nos primeiros 15 dias aqui passados eu comecei a sentir-me muito só. Os rapazes não me diziam íntimo respeito. Ainda durante bastante tempo eu chegava a esconder-me por trás das árvores para ninguém me ver chorar.

Como as lágrimas não resolviam a minha nova situação, entre-tinha-me a dar leves pontapés em pequeninas pedras que se encontravam nos caminhos e logo de seguida corria atrás delas satisfeito. Hoje reconheço que sou triste e gosto muito de estar só, de pensar, de fazer poemas, assim como escrever outras coisas mais.

Nesta altura tive oportunidade de ir estudar, mas não a soube aproveitar.

Quanto à minha terra, já não gosto dela, embora o regresso a ela de vez em quando me vá deixando recordações amistosas e inesquecíveis. Sinto-me muito melhor a viver no Norte. Aqui existem muitas rochas bonitas, em relevo montanhoso.

Uma coisa que eu noto frequentemente na Casa do Gaiato é que a presença das famílias ou outros amigos dos rapazes é obtida mais através do correio que chega de longe a longe.

Quando passo algumas das minhas horas vagas a brincar com as crianças, vejo que nestes momentos, e sempre, não sou esquecido. Embora eu não as entenda, admiro-as em tudo que seja seu. Em cada uma destas crianças há a promessa de um Homem solidário com os outros.

A música é também uma das companhias inseparáveis que eu tenho, pois ela livra-me dos perigos da vida; mas os melhores sons são os da chuva a cair, assim como o vento a falar com as árvores.

A terra e a água são seres que os comparo com a minha vida. Em pleno Outono tudo na Natureza me é deslumbrante. Por este tempo há algo relacionado com a minha tristeza-alegre, com a minha tristeza de esperança; e efectivamente adoro dar largos passeios pela nossa quinta até à mata e de sentir a enorme paz que brota do sossego destes campos tão vastos e verdejantes.

O melhor espectáculo que o dia me pode conceder é, sem dúvida, o nascer e o pôr-do-sol, especialmente o pôr-do-sol. E, à noite, fico imensamente feliz quando deparo no céu meio escurecido, as estrelas a pincharem e a rirem-se de contentes.

Nestas ocasiões de clara madrugada, eu penso que as pessoas poderiam ser mais felizes, se no mundo houvesse harmonia autêntica — o que é difícil, mas possível!

Com efeito, um dos mais graves problemas que hoje conflagra a Humanidade até poderia ser plenamente resolvido se o Homem entendesse e respeitasse o outro Homem e a guerra acabasse em todo o mundo.

Os cantos mais belos que me podem proporcionar são os da Juventude em pugna pelo seu direito e liberdade de uma vivência à sua maneira que a encaminhe ao amor, pois o amor é maravilhoso.

Só através da felicidade dos outros eu me posso sentir feliz e vejo que Deus começa a entrar na minha vida e a querer permanecer a meu lado. Com efeito, nunca estou tão só.

Não tenho muitos amigos, mas os poucos que tenho sei que são meus amigos.

O meu êxodo da Casa do Gaiato está prestes a efectuar-se e quando me integrar na vida exterior quero saber melhor porque razão eu rejeito a sociedade. Então, para obter conclusões resultantes e definitivas não poderei parar, mas também terei que sentir extrema comunhão, ajuda e compreensão por parte das pessoas que me rodearem.

Até lá despeço-me, enviando um abraço para todos os Leitores. Vosso amigo,

Manuel Amândio

Realidades

Li há tempos em determinada revista um artigo, o qual foi para mim motivo de demorada meditação. Acabei por chegar à conclusão que apesar desse mesmo artigo já ser bastante antigo, ele relata factos de ontem e infelizmente de hoje.

O seu tema não quero por ora dizer-vos. Ele dirige-se aos pequeninos, num tom de história muito triste. E de facto assim é.

O mundo está em guerra contra os pequeninos. Enquanto se fala tanto, e agora ainda mais, nos seus direitos, esquecendo que o primeiro de todos é o direito de nascer, o direito à vida, direito esse que ninguém, nem o próprio, pode impedir. E não se trata de modo algum de razões puramente religiosas mas sim de razões totalmente ligadas à Natureza.

As pessoas mais idosas certamente ainda se lembram, e os mais novos já ouviram falar, das poderosas bombas atómicas, capazes de destruir, «enquanto o diabo esfrega um olho», cidades inteiras. Aliás isso foi demonstrado e neste capítulo não é preciso acrescentar mais nada.

Certamente também se lembrarão ainda das reacções que tais factos provocaram em todos os países. Como essas reacções foram o menos agradáveis possível, tratou-se de arranjar outra maneira de matar, e ainda mais grave, matar crianças, impedindo-as de nascer.

Fizeram bem a propaganda e a «coisa» pegou.

Não será isto um sintoma de cobardia sem limites? Porquê tal acção? Têm medo que haja muita gente? O mundo empenha-se em guerras que trazem inúmeros problemas e se refletem sobre toda a humanidade.

Por isso, ao optar por matar crianças vendo a impossibilidade que estas têm de defesa, a sua mudez e, ponto importante, não deixaram montes de cadáveres pelos caminhos.

Por amor da Justiça

Cont. da PRIMEIRA página

grupo. Muito menos pelo fechar dos olhos ou vista grossa de quem deveria assegurar, à primeira infracção, o cumprimento das leis em vigor, enquanto outras, consideradas mais apropriadas, porventura, não aparecessem. Ahamos que as simpatias não se devem conquistar pela demissão e que a Justiça jamais se poderá construir com a ausência dela. Aliás, querendo construir-se um Estado de Direito, não topamos que isso possa ser viável sem leis, onde os cidadãos vejam codificados os seus direitos e os seus deveres.

Ninguém sabe. Só as mães que se servem abusivamente dos direitos de paternidade e procriação para limitarem a natalidade.

Praticam assim o aborto, prática essa que em vários países está perfeitamente legalizada, como se isso fosse norma de pessoas civilizadas.

Todavia é oportuno lembrar que a Igreja nunca alinhou em tal acção e jamais poderá alinhar. Antes pelo contrário. Manterá firme a Sua voz de forte protesto contra tais assassinatos.

E porquê o aborto? O motivo é um pouco complicado. As grandes potências, no seu enorme desejo de dominar os outros e na ânsia de açambarcar, prometem ajudar os países mais necessitados e chamados subdesenvolvidos.

Põem condições, como é norma em tudo o que fazem. E uma condição prévia de auxílio, é que se faça o controle artificial dos nascimentos, ou seja, a tal «outra maneira de matar» atrás citada.

Esquecem que a sua salvação depende das crianças. Se o índice de mortalidade é superior ao de natalidade, o que será das nações?

Porém, a realidade das manobras das grandes potências baixa em percentagem no número de abortos que hoje se praticam.

Que quero eu dizer? É que onde as grandes potências não interferem, aquilo que a Igreja ensina acerca do acto conjugal não é respeitado. Ele, o acto, deve permanecer aberto à transmissão da vida, coisa que o homem, por vontade de Deus, não pode romper por sua iniciativa.

Os esposos devem ser conhecedores de que não são livres na escolha dos meios a utilizar. E aqui está; o aborto directamente querido e procurado, mesmo por motivos terapêuticos, é um meio ilegal.

Os países ocidentais têm levado a efeito uma forte campanha a favor da sua legalização.

Em Portugal as coisas também se passam do mesmo modo, embora muito despercebidamente. Porém, nos países em que o aborto já está legalizado, os abortos clandestinos não diminuíram.

Outro ponto que origina o aborto é a mulher considerar que a maternidade a empobrece. Diz-se, ainda, senhora do seu próprio corpo e que por isso nada a impede de «matar» o filho como se este fosse alguma doença maligna. E o facto de ser dona do seu próprio corpo dá-lhe ainda o direito de buscar o prazer físico com toda a liberdade.

Não discordo que o possa fazer, discordo é da maneira como o faz, porque nenhum pretexto de emancipação lhe dá o direito de dispor da vida do filho a nascer, mesmo que este se encontre ainda em estado embrionário. O facto de ela ser dona do seu corpo não é razão para praticar tal acção.



Tojal: Anexos das oficinas — serração e casa da madeira e do ferro.

Para os C.T.T.

No correio d'hoje chegaram 5 jornais devolvidos, da mesma localidade, com uma nota do carteiro — como manda o regulamento: «CARECE DE MELHOR INDEREÇO» (sic).

Este caso não é inédito!

Recentemente aconteceu a mesmíssima trapalhada em relação a uma série doutra localidade. Tomámos a iniciativa de

Voltando novamente às grandes potências, esta uma outra isca que é convencer as pessoas de que não haverá recursos para manter tanta gente se a natalidade continuar neste ritmo.

Será verdade? Recursos não faltam. O que é preciso é saber explorá-los. Mas como é mais fácil calar as bocas daqueles que clamam por pão do que lutar pela obtenção e para que este não falte, decidem-se pela primeira hipótese.

Poderia apresentar-vos uma pequena, mas alarmante, estatística baseada em países da América, Ásia e Europa, excluindo a África, onde as crianças morrem de fome. Manifesta-se aqui uma falta de recursos. Mas esses recursos poderiam ser concedidos pelas tais grandes potências, as quais optam por deitar ao mar ou queimar produtos pelos quais os povos do Terceiro Mundo clamam. Preferem estragar esses produtos com o intuito de manter a «balança» económica de monopólio, como se os lucros que têm ainda não lhes bastem. Os auxílios ficam-se pela incentivação das guerras e pelo fornecimento de material bélico.

E vivemos nós numa época que se diz civilizada! Que tristeza, ver o Matrimónio transformado numa simples satisfação dum prazer físico que o grito clamoroso de tantos ignora o braço de Deus ante milhões de Inocentes que são cobardemente assassinados no ventre materno, que deixa assim de ser santuário de amor!

É uma realidade do nosso tempo.

Jorge Cruz

devolver os jornais ao chefe da estação pedindo providências.

Três prejuízos: mais um porte de nossa conta, nova distribuição, atraso de recepção...!

O chefe foi delicado. Esclareceu que fora um **supra**, inexperiencede.

Agora, vamos proceder da mesma forma.

É mais um porte...!

Como seria possível, nesta aldeia, os domicílios haverem sofrido, em 15 dias, uma profunda alteração?! Quatro assinantes estão inscritos desde 1948 e um desde 1950.

A resposta será também negócio de **supra**, com certeza.

Nós admitimos erros. Ninguém está isento; ninguém! Mas parece-nos que a distribuição postal é um serviço tão importante, tão delicado, que não pode estar à mercê de facilidades, de improvisações.

Estes cinco jornais não deviam ser devolvidos sem a aquiescência do respectivo chefe da estação. É ponto que não figurará no regulamento, com certeza...

Pois se a taxa subiu 1200%; se exigem jornais cintados e normalizados; se, há anos, condescendemos — por amizade — à expedição da tiragem em maços dirigidos às localidades, sem que a lei nos obrigue expressamente, é evidente que estas deficiências, isoladas, precisam de uma resolução eficaz e duradoura.

Júlio Mendes

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

«Chorar com os que choram»

Cont. da PRIMEIRA página

cil, é certo, mas não chegaríamos à bancarrota. Singrariam os como fosse possível. Agora, reconhecem muito melhor a minha opinião...!

Tem andado, inclusivé, po departamentos responsáveis pelo crédito às pequenas e médias empresas. Mas angustia do pelo círculo vicioso d'empatocraçia que não estar no espírito do legislador, com certeza.

De tarde fomos ao Porto. Não houve tempo de aperta a mão e confortar aquele homem, que seria impulsionado de riqueza e sério motivado doutros quadros e dos próprios Trabalhadores — em qualquer regime.

Paciência!

Ao passarmos em Santa Catarina abraçamos dois dos nossos. Um, qualificado profissional de Artes Gráficas. Outro apesar de muitas cambalhotas estava, agora, numa situação de vida razoável, mas... Exatamente. É mais um a juntar aos 300.000 Desempregados neste País.

Tornámos a chorar!

— Estou aflito! Não sei que hei-de fazer!... Vão-me dar cerca de dois contos por mês. Mas eu disse lá, na repartição: — O que é isto para mim, prá minha mulher, prá meus filhos?! E há mais um a nascer... Quem me dera uma menina! Aquela massa só dá prá renda da casa!...

Nestas breves horas de cidade e como análise sumária da rua — nós somos da Rua! — topámos, ainda, um funcionário cumpridor, mas triste com o impasse da cúpula no do pacho de um rol de vagas e postos de trabalho do importantíssimo serviço público que é gestor.

— Veja: tantos lugares por preencher e tanta gente desempregada!...

Tornámos a chorar!

Descemos a S. Bento. Entramos no comboio. Até Cête, foi um remoer.

Respirámos, depois, um pouco mais. Vão ser criados, finalmente, alguns milhares de postos de trabalho em todo o País.

Sejam bem vindos!